



Experiência literária com José Falero: literatura e corpo-infância

Daniele Soares de Lima; David Rocha da Silva
Instituto Federal Catarinense - IFC / Campus Camboriú
E-mail: daniele.lima@ifc.edu.br

Resumo

Este artigo objetiva relatar a experiência vivida em uma das ações do projeto “Letramento literário: a literatura afrobrasileira como prática pedagógica antirracista na sala de aula”, sendo ela, a oficina intitulada “José Falero: literatura e corpo-infância”. A escolha do tema para esta oficina se deu pela constituição do público-alvo: professores atuantes e em formação. As oficinas literárias do projeto tinham por objetivo capacitar os professores para a realização de círculos de leitura em sua sala de aula dentro da perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais. As oficinas ocorreram no Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Camboriú, e foram gratuitas e abertas para a comunidade externa, com duração de 3 horas entre os meses de junho e setembro. Para este artigo, fez-se o recorte da oficina ocorrida no mês de agosto de 2024. No encontro, escolheram-se dois contos do autor José Falero: “Aconteceu amor” e “O caso do bodoque” para mediar o diálogo acerca da infância, do corpo e das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: letramento literário; infâncias periféricas; pedagogia antirracista.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia vivida en una de las acciones del proyecto “Letramento literário: a literatura afrobrasileira como prática pedagógica antirracista na sala de aula”, siendo esta el taller titulado “José Falero: literatura e corpo-infância”. La elección del tema para este taller se dio por la constitución del público objetivo: profesores en ejercicio y en formación. Los talleres

literarios del proyecto tenían como objetivo capacitar a los profesores para la realización de círculos de lectura en sus classes dentro de la perspectiva de la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales. Los talleres se llevaron a cabo en el Instituto Federal Catarinense (IFC) campus Camboriú, fueron gratuitos y abiertos a la comunidad externa, con una duración de 3 horas, entre los meses de junio y septiembre. Para este artículo, se hizo el recorte de la oficina realizada en el mes de agosto de 2024. En el encuentro, se eligieron dos cuentos del autor José Falero: “Aconteceu amor” y “O caso do bodoque” para mediar el diálogo acerca de la infancia, del cuerpo y de las relaciones étnico-raciales.

Palabras clave: alfabetización literaria; infancias periféricas; pedagogía antirracista.

Introdução

O presente artigo é um relato de experiência de uma das oficinas do projeto de ações integradas de ensino, pesquisa e extensão “Letramento literário: a literatura afrobrasileira como prática pedagógica antirracista na sala de aula” (Edital 120/2023 da reitoria do IFC). Esse projeto parte de obras da literatura afro-brasileira como ferramenta mediadora das oficinas com docentes e graduandos das licenciaturas para promover uma pedagogia antirracista. Assim, o projeto reforça um compromisso da EREER pautado na Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira em todos os níveis da educação básica (Brasil, 2003). O projeto também se alinha com as diretrizes e os princípios da extensão no ensino superior conforme estabelecidas na Resolução nº 7/2018, em especial no que diz respeito à articulação da pesquisa, do ensino e da extensão, da oferta de atividades extensionistas que integram a comunidade da instituição de ensino com a comunidade externa, etc (MEC, 2018). Tal resolução ampara a ação de protagonista do bolsista extensionista do projeto, uma vez que a experiência do discente extrapola a dimensão acadêmica e o coloca como central nessa ação extensionista ao escolher as obras, fazer os recortes, realizar a oficina e articular com a comunidade externa os saberes.

Cada oficina ofertada propõe a leitura de um gênero literário diferente, entre eles: conto, romance, crônica, poema, cordel e *hip-hop*. A partir da leitura e das discussões dos textos

selecionados, teceram-se reflexões acerca da realidade social do Brasil, de modo a evidenciar o papel da escola ao assumir uma perspectiva antirracista.

Dentro deste propósito, uma dessas oficinas intitulada “José Falero: literatura e corpo-infância” teve por objetivo tratar do gênero conto, levando à reflexão das questões de infância(s) e corporeidade à luz do autor Miguel Arroyo (2012). Selecionou-se dois contos: “Aconteceu amor” e “O episódio do bodoque”, do livro “Vila Sapo” de José Falero, publicado em 2022. A escolha se deu pelo fato dos contos se alinharem à temática das infancias periféricas e da precariedade dos corpos. O objetivo desta oficina foi de problematizar, por meio da leitura dos textos literários, as questões relacionadas às múltiplas infancias com o público participante, estudantes e docentes. Esse momento teve como fundamentação as discussões trazidas por Miguel Arroyo no seu capítulo no livro “Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança: por outras pedagogias dos corpos” (2012). A importância dessa ação extensionista junto à experiência literária nos permitiram refletir sobre a escola e o seu papel nessas infancias.

Metodologia

As oficinas de letramento literário na perspectiva antirracista acontecem desde 2022, no IFC - Campus Camboriú, oferecendo a professores da rede pública/privada de ensino, estudantes de

magistério e de licenciatura de outras instituições e demais profissionais da educação que demonstraram interesse nas oficinas literárias. Aqui neste artigo, focamos em relatar as de 2024, as quais foram gratuitas e presenciais, realizadas em 6 encontros, com duração de 3 horas cada um, entre os meses de junho e setembro de 2024. O público envolvido nessa prática extensionista totalizou 50 pessoas. Os extensionistas (mediadores dos encontros) foram estudantes dos cursos de graduação Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Educação Especial Inclusiva do referido campus, responsáveis por planejar, organizar e mediar os encontros. Inicialmente, a sua divulgação se deu

por meio de cartazes em escolas da região, bem como nas redes sociais do projeto, na plataforma Instagram. As oficinas realizadas em 2024, tiveram um total de 40 participantes da comunidade externa, sendo eles professores da rede e estudantes de graduação em Licenciatura em Pedagogia bem como estudantes do magistério.

As oficinas de leitura se organizam a partir da metodologia de Rildo Cosson (2009), que propõe ações ao ler o texto: motivação, introdução, leitura e interpretação. A cada encontro, esses quatro passos foram realizados dentro de um espaço de três horas, mediados pelos bolsistas de extensão. Durante esses



Figura 1 - Participantes externos na oficina literária.
Fonte: Autores, 2024.



Figura 2 - Participantes internos (estudantes do IFC) na oficina literária.
Fonte: Autores, 2024.

encontros, foram realizadas práticas de leitura com uma intenção não apenas de atingir uma catarse literária, mas também de promover a aprendizagem acerca de uma aplicação de um círculo de leitura pelos participantes. No momento inicial, a motivação se deu a partir da leitura de um trecho do texto de Miguel Arroyo, intitulado “Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional”, e a partir da leitura da notícia “O assassinato de Thiago Menezes e a dupla morte da infância no Brasil” (2023). Por meio de um diálogo coletivo iniciado por essas leituras motivadoras, os participantes compartilharam suas reflexões acerca das múltiplas infâncias, do espaço escolar e da violência vivida pelas crianças e seu impacto na vida escolar. Na metodologia de Cosson (2021), a motivação é a etapa da sequência básica do letramento literário na qual ocorre uma prática preparatória para a leitura principal. Normalmente, a função da motivação é inspirar uma reflexão pertinente ao que será lido. Para tal, a seleção da prática motivadora é feita a partir de determinado aspecto da leitura principal, como sua temática, seu gênero textual, etc.

Seguindo a metodologia proposta, foi realizada a introdução sobre a biografia do autor dos contos,

apresentando-a e contextualizando a sua obra. José Falero é um autor gaúcho, reconhecido no campo literário por suas obras que retratam a vivência das comunidades periféricas de Porto Alegre (RS). O livro “Vila Sapo” (2022) reúne contos que tratam de questões sociais vividas nessa realidade periférica portoalegrense, mas que são representativas da realidade periférica do Brasil como um todo.

Em um terceiro momento, fizemos a leitura dos contos, os quais eram inéditos para os participantes. Estes centralizam a narrativa em corpos infantis, em que o protagonismo é das crianças que vivem nessa comunidade. Cada participante recebeu uma cópia impressa de cada conto e, posteriormente, foi realizada uma leitura oral coletiva, em que cada um integrante do encontro leu parte do texto, mediada pelos bolsistas. Após a leitura do primeiro conto, foi feita uma discussão inicial sobre as impressões de leitura, e em seguida foi feita a segunda leitura, mais uma vez compartilhado o efeito da leitura em cada um deles.

À luz das reflexões sobre os textos motivadores e os contos, foram feitas discussões acerca dos corpos precarizados das crianças, e sobre o entendimento

da infância que aparece representado nas narrativas. Na etapa da interpretação, formou-se uma roda de conversa em que cada participante compartilhasse com o grupo uma experiência da sua infância em que a situação vivida não contava com a presença de adultos, à semelhança do que acontece com os personagens nos contos. A proposta provocou mais reflexões acerca das diferenças e semelhanças



Figura 3 - Aluno extensionista apresentando a obra do escritor José Falero.

Fonte: Autores, 2024.

entre diferentes infâncias e experiências de brincar em contextos de completa autonomia infantil.

Desenvolvimento e discussões

Os contos selecionados trouxeram reflexões distintas acerca das infâncias periféricas, à luz de conceitos como a brincadeira, a protagonização da voz da criança, o acesso a espaços de lazer ou a transformação/criação desses espaços, a violência e a marginalização. O primeiro dos dois contos selecionados para a oficina, “Aconteceu amor”, conta a história de Ronaldo, que se prepara para um encontro com sua amiga Marcinha. Embora o conto não explicita a idade dos dois personagens, diversas dicas se revelam ao longo da narração que sugerem que são crianças. A narração, em primeira pessoa (narrador-personagem Ronaldo) explicita que para seu encontro, seria necessário obter camisinhas, tarefa essa que nenhum adulto quis ajudá-lo a cumprir.

Após a leitura em voz alta, foi observado pelos participantes como o autor utiliza a ambiguidade narrativa para revelar a brincadeira proposta por Ronaldo para Marcinha como sendo apenas um trote usando as camisinhas como balões d’água, ao invés de usá-las para um ato de natureza sexual. A narração, feita na perspectiva do Ronaldo, nunca explicitamente reconhece ou sequer evidencia entender a malícia presumida dos personagens adultos.

A brincadeira das crianças os leva até a grande surpresa que ele havia preparado para Marcinha: o esconderijo secreto do Ronaldo e seus amigos, nomeado o Clube. Embora esse espaço, criado pelas próprias crianças, fosse uma espécie de santuário, não era um ambiente completamente seguro, sendo inclusive insalubre devido ao esgoto que passava ali. Enquanto conversavam, Marcinha e Ronaldo são quase picados por uma cobra. Ronaldo, que tem pavor de cobras, se surpreendeu quando Marcinha tomou o protagonismo de afastar a cobra, jogando-a para fora do Clube.

Essa cena traz um diálogo importante com os contos de fada, que retratam situações em que a figura feminina (a princesa, a donzela) precisa ser resgatada por uma figura masculina (o príncipe, o herói). No conto analisado, há uma subversão dessa lógica, de modo que a Marcinha dispensa sua proteção e assume o papel de heroína ao salvar Ronaldo da cobra, que afirma que sua amada o salvou “da morte certa” e afirma que foi “a maior demonstração de coragem já testemunhada” por ele. O autor frequentemente reforça nas suas obras esse protagonismo feminino dentro do espaço periférico, explorando as formas que as mulheres assumem um papel de protagonismo da família, sendo as chefes do lar.

Diferente de “Aconteceu amor”, o segundo conto selecionado para a oficina, intitulado “O caso do bodoque”, é narrado em terceira pessoa. O narrador introduz o protagonista, Dô, um menino pequeno que anda com outros meninos do beco que gostam de atirar em passarinho com bодоques, também referido como estilingue. O conto descreve o dilema enfrentado por Dô ao sentir-se incomodado com essa brincadeira, mesmo participando para não se sentir excluído do grupo:

[...] Dô não era lá muito fã de bодоques, pois serviam principalmente para caçar passarinhos, e, por mais que se esforçasse, não conseguia compreender a vantagem de abatê-los. Na verdade, abatê-los, expulsá-los da existência, impedi-los de cruzar o azul do céu em voos certos, condená-los a jamais cantar ao nascer do sol, tudo isso parecia-lhe mesmo uma estupidez completa, um desperdício injustificável. Desnecessário comentar que não refletia com esses meus termos de marmanjo afetado; aquilo que lhe ia em algum lugar entre o cérebro e as tripas talvez nem fosse propriamente uma reflexão; era antes um sentimento, mais ou menos como o que decerto experimentaria caso testemunhasse alguém jogando um sorvete no lixo, em pleno verão. (Falero, 2022, p. 45-46)

O narrador da história, assim, admite a incompletude de sua interpretação adulta dos sentimentos do pequeno Dô, cujas introspecções exatas nunca são explicitamente citadas. Para resolver esse

dilema, Dô escolhe propositalmente errar os pássaros, mesmo que isso atraia a zombaria dos seus colegas. Dessa forma, ele consolida sua participação na brincadeira do bodoque sem que precise machucar os pássaros. Um dos meninos, Lu, caçoa do Dô, chamando-o de “bunda-mole” e afirmando que “a fruta nunca cai longe do pé”, referindo-se cruelmente ao pai de Dô que errou seis tiros durante um confronto com a polícia e foi morto.

Posterior à leitura, os participantes exploraram a temática da brincadeira e da infância no contexto do conto. Na narrativa, a brincadeira do bodoque se torna um campo de reflexões do pequeno Dô, que se incomoda não só com a necessidade de machucar os pássaros, mas também com o reconhecimento da prática como uma “tradição” da qual ele não poderia renunciar. Sua solução de “brincar mal”, embora não faça sentido para seus colegas, o permite equilibrar a exigência de ser participante da cultura infantil na qual ele está inserido, sem contribuir com a crueldade. Dessa forma, o conto exemplifica como a brincadeira não configura apenas uma atividade de lazer, mas sim um campo amplo de sentidos e significações do imaginário infantil, concepção essa que se alinha com as perspectivas atuais dos estudos da infância a respeito da brincadeira enquanto linguagem própria das infâncias:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (Kishimoto, 2010, p. 1)

A comparação que Lu faz do pequeno Dô com seu pai também reflete a dimensão da brincadeira enquanto ferramenta de leitura e reprodução da realidade. As vivências das crianças do conto são atravessadas pela violência, pobreza e marginalização e, portanto, a brincadeira do bodoque não está separada deste contexto material e social. Dô é descrito no conto como uma criança prudente e cautelosa, sempre atento aos seus arredores enquanto brincava, e “assim aquele pinguinho de gente guardava, desde seus primeiros verões, uma impressionante relação de respeito com os perigos da vida” (Falero, 2022, p. 45).

A relação de Dô com essa realidade perigosa se acentua ainda mais na segunda metade do conto, quando ele observa “[...] o brasão maligno, o símbolo do horror [...]” (Falero, 2022, p. 47) de uma viatura estacionada próximo do local onde as crianças brincavam. A descrição do narrador enfatiza o sinal de perigo iminente que o brasão da polícia representa para Dô e as demais crianças. Dô imediatamente lança seu bodoque para longe e tenta pedir para os amigos fazerem o mesmo, com pouco sucesso. Os policiais se aproximam das crianças e rapidamente observam que Dô não está com um bodoque, e o deixam ir embora. Lu, entretanto, é acusado de “[...] sair estourando lâmpada de poste por aí” (Falero, 2022, p. 47), e é suspenso pelo tornozelo pelo policial, que ameaça largá-lo de uma vala de esgoto. Ao correr de volta para casa, Dô ri para si mesmo ao sentir-se vindicado pelo choro de Lu, perguntando “Quem é o bunda-mole agora?” (Falero, 2022, p. 48).

A visão presunçosa do adulto para com cultura infantil é uma temática recorrente nos dois contos, mas se faz evidente na crítica mais dura de “O caso do bodoque” através do comportamento dos policiais. Embora as crianças brincavam com seus bодоques mirando em pássaros, os policiais imediatamente agem com violência contra elas sob a presunção que estavam cometendo vandalismo. O medo de Dô da polícia, nesse sentido, evidencia a necessidade da criança

periférica de viver em estado perpétuo de alerta, mesmo no seu momento de lazer. A percepção de Dô sobre a polícia, marcada por termos como “maligno” e “horror”, soma com seus instintos de sobrevivência para protegê-lo da violência sofrida por Lu.

O conto encerra com um sonho que Dô tem com seu pai. Nesta cena de catarse onírica, seu pai fala para ele: “Não te preocupes, meu filho. O pai também errava os tiros de propósito” (Falero, 2022, p. 48), trazendo um novo sentido positivo à expressão “a fruta não cai longe do pé”. Assim, o final da narrativa não apenas legitima os sentimentos de Dô com relação aos bодоques, mas também humaniza seu pai, cuja imagem havia sido reduzida até então a de um bandido morto. O conto, nesse sentido, se encaixa com o objetivo literário maior do Falero de “humanizar o desumanizado” (Declercq, 2022), afastando rótulos que removem desses grupos a condição de “sujeitos”, e retratando-os com enfoque nas suas subjetividades, motivações e desejos individuais e coletivos.

Considerações finais

O projeto “Letramento literário: a literatura afro-brasileira como prática pedagógica antirracista na sala de aula” evidenciou a literatura de José Falero como representativa para discussões no campo educacional acerca das relações entre corpo e

infância. As ações extensionistas reforçaram a importância da literatura como mediadora de oficinas de formação de professores. Essas oficinas também mostraram o protagonismo dos estudantes colaboradores do projeto, em especial do bolsista, na elaboração das ações extensionistas, bem como sua execução. Os alunos bolsistas do curso de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Educação Especial do IFC - Campus Camboriú, ao se envolverem diretamente na formação de professores, puderam integrar a sua formação acadêmica e enriquecê-la. Dessa forma, a extensão permitiu a ampliação do repertório crítico, cultural, estético e ético do graduandos, uma vez que estimula também, por meio da arte, a sua formação cidadã. Nesse sentido, a relação entre o Instituto Federal e comunidade se estabelece como um processo dialógico e transformador, em que o saber científico e o saber popular se relacionam, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e reafirmando o compromisso social da instituição para além dos seus muros físicos e simbólicos.

Por fim, os textos de José Falero nos permitiram acessar um campo de discussão sobre infância muito rico. E, para além disso, ver a precarização dos corpos, como aponta Arroyo (2012), é movimentar competências para discuti-la no campo educacional. ◀

Referências Bibliográficas

- ARROYO, M. G. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: Arroyo, M. G.; Silva, M. R. (org.). *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 1, p. 23-54.
- BRASIL. Lei n. 10.639. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 03 abr. 2025.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- DECLERCQ, M. Humanizar o desumanizado: escritor retrata parte ignorada de Porto Alegre. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/17/anime--vilas-jose-falero-traz-retrato-de-parte-ignorada-de-porto-alegre.htm>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- FALERO, J. *Vila Sapo*. São Paulo: Todavia, 2022.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Resolução nº 7/2018. Brasília, 19 dez. 2018.